

PALAVRAS PRÉVIAS

As nossas escolas mudaram muito nas últimas décadas. Se nas grandes cidades os alunos tendem, cada vez mais, a ser portadores de códigos e de culturas onde, por vezes, se regista um dissídio com os códigos linguísticos, culturais e simbólicos predominantes na instituição escolar, também noutros contextos, cada vez mais frequentemente, se nota a presença de alunos originários de outros países e de culturas distantes da nossa, aspectos que indubitavelmente criam novos desafios à escola e aos profissionais que nela trabalham.

O repto para que todos os alunos manifestem elevados desempenhos a nível da literacia é hoje uma das mais importantes preocupações da escola. De facto, com o desenvolvimento económico, as sociedades tornaram-se estruturas altamente complexificadas que requerem, cada vez mais, profissionais com um *know how* alargado, criativo e com capacidade de elevados níveis de desempenho.

Não conhecemos uma fórmula única ou uma fórmula mágica capaz de conduzir à obtenção de bons resultados no âmbito da literacia. O próprio conceito em si é, como a investigação teórica já demonstrou, social e culturalmente dependente dos respectivos contextos de observação. Todavia, sabemos que existem alguns princípios que, conjugados com a investigação teórica e aplicada, e com o *know how* dos profissionais que estão no terreno, podem originar a diferença e permitir afirmar, com satisfação e segurança, que os níveis de literacia foram atingidos.

É sobre esses princípios de actuação e sobre alguns exemplos de boas práticas que se debruça esta obra.

Organização dos Capítulos

A obra, produzida com a colaboração de um leque de especialistas directamente envolvidos nos processos de formação e de supervisão científica e pedagógica, percorre alguns dos lugares e dos gestos para a consecução do sucesso em literacia, entendendo esta como um conceito fortemente abrangente e detectável na capacidade de utilizar, com proficiência, os materiais escritos em função dos respectivos contextos de uso.

O primeiro capítulo parte da definição do conceito de literacia e explicita um conjunto de princípios para a sua consecução com sucesso. Defende-se que a literacia não se adquire de forma espontânea, mas requer um trabalho de planificação consciente, de práticas intencionais e sistemáticas, com processos de monitorização constantes, e de avaliação, com um espírito de abertura à inovação, e com um envolvimento de todos.

No segundo capítulo analisa-se o conceito de literacia crítica e as formas de a promover. Argumenta-se que a consideração da natureza ideológica da linguagem é o ponto de partida para qualquer definição deste conceito e discutem-se as condições, âmbitos e recursos da pedagogia da literacia crítica, que são ilustrados com exemplos concretos de práticas nos níveis iniciais de escolaridade.

O terceiro capítulo é consagrado à literacia visual, advogando-se que a adequada compreensão das imagens e dos signos icónicos implica o conhecimento de uma

gramática, meio de evitar uma visão ingênua ou não ajustada do mundo. De facto, confrontados com uma época onde permanentemente assistimos a uma invasão, cada vez mais avassaladora, de imagens, em todos os sentidos e com variadíssimas formas de comunicação, torna-se fundamental defender uma educação visual que saliente e amplie o sentido do entendimento.

O quarto capítulo apresenta uma experiência de literacia emergente em contexto de jardim-de-infância: trata-se de promover a leitura e os primeiros contactos da criança com as histórias, através da estratégia dos “tapetes narrativos”.

O quinto capítulo estabelece uma ponte entre as práticas de jardim-de-infância e as práticas de 1.º Ciclo do Ensino Básico. Analisa-se aí a relação entre o oral e o escrito numa perspectiva de desenvolvimento, salientando-se a importância do ensino explícito do vocabulário na compreensão da leitura e na produção oral.

Depois de uma visão sobre os lugares e o papel da biblioteca, o sexto capítulo, alicerçado numa concepção da leitura como compreensão, trata das formas de a tornar um momento de prazer e de fruição.

No sétimo capítulo, analisam-se algumas vertentes em que a problemática da formação de leitores se pode manifestar, assumindo-se como dimensões da análise: os textos e a leitura, os modos de aquisição da competência leitora através de obras de literatura infantil e algumas actividades ou sugestões, validadas no âmbito da prática pedagógica, em contexto de sala de aula, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, para desenvolver essa competência nos jovens leitores.

O oitavo capítulo aborda o modo como o carácter desconstrutor e lúdico de uma obra de literatura de potencial recepção leitora infantil de natureza metaficcional, *O Menino Escritor*, de Rosário Alçada Araújo, associado a um Programa de Leitura Fundamentado na Literatura, poderá fomentar a formação de um leitor mais crítico e competente.

O nono capítulo é composto por duas áreas temáticas: o ensino da leitura e as estratégias para a sua animação/motivação. Embora pareçam relacionar-se, apresentam características diferentes e, em consequência, ambas exigem abordagens diversificadas.

O décimo capítulo trata a questão da avaliação na leitura. Após uma reflexão sobre a importância das competências leitoras, analisa-se o desenvolvimento da capacidade de leitura dos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico e chama-se a atenção dos professores para as características dos alunos na pré-adolescência. O capítulo apresenta uma prova de avaliação da compreensão leitora que se aplica ao 5.º ano de escolaridade.

No décimo primeiro capítulo, recorrendo-se à narrativa tradicional “Maria Castanha”, é feita uma proposta de trabalho no âmbito da literatura infantil multicultural, explorando-se igualmente a motivação para a leitura, bem como o desenvolvimento de competências literárias.

O décimo segundo capítulo é consagrado à técnica textual do resumo. Assume-se que esta é uma das técnicas que melhor contribuem para a autonomia do aluno no âmbito da compreensão da leitura e do desenvolvimento do processo da escrita, duas competências vitais para o domínio da competência comunicativa.

O décimo terceiro capítulo aborda o significado da escrita criativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico e a sua acção sobre o contexto. Para além de considerações teóricas sobre a escrita, são propostas uma série diversificada de sugestões.

O décimo quarto capítulo aborda a questão das plataformas digitais para o ensino da Língua Portuguesa, articulando-a com uma concepção de aprendizagem alicerçada na autonomia do aluno e numa perspectiva do professor como tutor. Para o efeito, analisam-se as potencialidades educativas e pedagógicas dos blogues, bem como são feitas referências a experiências várias de implementação em alguns agrupamentos de escolas.

O décimo quinto capítulo é consagrado à literacia científica. Explicita-se aí a origem do conceito e as dimensões que o caracterizam: são estes os grupos de interesse nesta temática, as inúmeras concepções de literacia científica, os níveis de literacia, os objectivos e benefícios e ainda a avaliação da literacia científica de populações, em particular de crianças e jovens em idade escolar.

No décimo sexto capítulo abordam-se aspectos relacionados com a literacia no âmbito da Geometria, dando ênfase à contagem de figuras. Implícitas estão outras competências, entre as quais as de classificar figuras geométricas e a visualização. A presente reflexão aproveita o contexto do programa de formação em matemática para o 1.º Ciclo, que procurou promover boas práticas no âmbito do ensino da matemática.

O décimo sétimo capítulo explica uma abordagem pedagógica que permite interdisciplinaridade entre a Língua Portuguesa e a Matemática. Através da construção de histórias com problemas, aspectos ligados à Literacia e à Numeracia podem ser desenvolvidos de forma mais eficaz e harmoniosa.

No décimo oitavo capítulo defende-se que o fomentar adequado de boas práticas em literacia implica olhar, com cuidado, também as metodologias de ensino e de aprendizagem implementadas em contexto pedagógico, planificando e operacionalizando explicitamente formas de agir que garantam, ao aluno, o domínio de estratégias de estudo e de aprendizagem efectivas. Neste sentido, são apresentadas sugestões para que a actividade dos trabalhos de casa permita promover e reforçar as estratégias de estudo, ideias práticas para que os alunos possam fazer dos manuais escolares instrumentos verdadeiramente úteis na construção das suas aprendizagens e algumas estratégias para que a tomada de notas e a recolha de apontamentos assegure a autonomia e o desenvolvimento de um raciocínio crítico.

O décimo nono capítulo descreve e analisa os contextos históricos, culturais e educativos finlandeses que emolduram os altos índices em literacia da leitura atingidos por este país, nos estudos internacionais PISA, levados a cabo nos anos de 2000, 2003 e 2006, pela OCDE. Os valores nacionais, a economia, a rede de bibliotecas públicas e sobretudo o sistema educativo, enquadram esta reflexão, que tem como ponto de partida a história, enquanto pano de fundo do que é hoje um dos países mais desenvolvidos do mundo. O artigo apresenta igualmente uma visão daquilo que são as práticas de literacia neste país, enquadrando-as nos contextos escolares de duas escolas finlandesas, bem como na sociedade de uma pequena cidade do norte do país.

Como Usar este Livro

Sendo fundamentalmente um testemunho de alguns gestos para a consecução do sucesso em literacia, esta obra possui uma vertente eminentemente prática: os capítulos apresentam sistematizações frequentes, sugestões de actividades, questões motivadoras e geradoras da reflexão crítica e, quando tal se revela necessário, bibliografia essencial comentada.

AGRADECIMENTOS

Antes de concluir esta introdução, gostaríamos de deixar aqui expresso o nosso agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a consecução deste projecto. Em primeiro lugar, à Lidel, que apostou em nós e nesta equipa para a realização deste livro. Em segundo lugar, aos co-autores que aceitaram partilhar as suas práticas e gentilmente associaram o seu nome e os seus trabalhos a este projecto editorial. Finalmente, a todos os nossos colegas e aos nossos alunos que, pelas suas preciosas sugestões, nos foram ajudando a dar corpo a esta iniciativa.

Universidade do Minho, 1 de Setembro de 2009

Fernando Azevedo
Maria da Graça Sardinha